

## EIXO TEMÁTICO 10 | QUESTÕES SOBRE ENVELHECIMENTO, INFÂNCIA E JUVENTUDE

### A IMPORTÂNCIA DA SEGURANÇA E CONTATO NAS CALÇADAS PARA O ENVELHECIMENTO ATIVO: contribuições de Jane Jacobs

### THE IMPORTANCE OF SAFETY AND CONTACT ON SIDEWALKS FOR ACTIVE AGING: contributions from Jane Jacobs

Heloisa Maria Mantovan<sup>1</sup>

Léia Aparecida Veiga<sup>2</sup>

#### RESUMO

Envelhecimento populacional é uma realidade que acompanha o desenvolvimento das cidades, onde, termos como o envelhecimento ativo e qualidade de vida são colocados em pauta como necessários ao bem estar desse grupo. O envelhecimento traz mudanças significativas, como exemplo restrições físicas e sociais, sendo necessário a adaptação da sociedade para a inclusão dessa faixa etária. Nesse sentido o presente trabalho traz as propostas de segurança e contato nas calçadas de Jane Jacobs como características que favorecem o envelhecimento ativo e a inclusão social, onde a pesquisa bibliográfica foi o método aplicado, o qual trouxe indicativos positivos com relação a hipótese levantada.

**Palavras-chave:** Envelhecimento ativo; calçadas; contato; segurança.

#### ABSTRACT

Population aging is a reality that accompanies the development of cities, where terms such as active aging and quality of life are put on the agenda as necessary for the well-being of this group. Aging brings significant changes, such as physical and social restrictions, making it necessary for society to adapt to include this age group. In this sense, the present work presents Jane Jacobs' proposals for safety and contact on sidewalks as characteristics that favor active aging and social inclusion, where bibliographical research was the applied method, which brought positive indications in relation to the hypothesis raised.

**Keywords:** Active aging; sidewalks; contact; security.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (PPGEO-UEL).  
heloisa.maria.mantovan@uel.br

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-graduação de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (PPGEO-UEL).  
veiga@uel.br

## 1 INTRODUÇÃO

As cidades, como expressões do ambiente construído moldado pelas relações sociais urbanas, incorporam em sua paisagem uma interação entre elementos naturais e construídos, refletindo tanto as condições de sua origem quanto sua relação com o meio urbano. Esse contexto faz com que as cidades tenham em sua obra traços dos sistemas econômicos que traçaram sua história e dos atores que participam de sua construção, contudo, a predominância dos interesses de atores hegemônicos é uma constante nesse processo.

Para Jacobs (2011, p. 16) “As cidades são um imenso laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano”, portanto, as ações empregadas para criar a cidade enquanto meio construído refletem as complexas interações entre planejadores urbanos, arquitetos, comunidades locais e poderes econômicos. O processo de criação da cidade é multifacetado, envolvendo decisões que moldam não apenas a estética e a funcionalidade urbana, mas também as dinâmicas sociais e econômicas que a permeiam.

Nesse sentido, a construção da cidade, em maior ou menor grau, não irá exclusivamente respeitar as necessidades de sua população, mas sim, seguem as influências de atores hegemônicos ligados a interesses econômicos. Suas decisões e influências podem moldar significativamente a direção do desenvolvimento urbano, às vezes em detrimento dos interesses das comunidades locais ou da diversidade socioeconômica. É nessa condição que Jacobs vai traçar sua discussão em torno dos usos das calçadas, pois, estas são um elemento importante da cidade, ao funcionar como locais de interação social, trocas culturais e atividades comunitárias.

Trazendo essa perspectiva ao contexto demográfico atual das cidades, onde há em curso um processo de envelhecimento populacional, as funcionalidades das calçadas perante a segurança e o contato, são indicadores que contribuem significativamente para a qualidade de vida dos idosos nas áreas urbanas, podendo favorecer o envelhecimento ativo, visto que, ambientes seguros estimulam a circulação de pessoas, assim como o contato social, que é essencial para as pessoas idosas.

Assim sendo, o presente trabalho busca relacionar a produção de Jane Jacobs circunscrito aos usos das calçadas voltado as contribuições que podem trazer a população idosa que vive em cidades, sendo a base para o desenvolvimento das argumentações o livro “Morte e Vida das Grandes cidades”. Para tanto, as partes seguintes serão organizadas de modo a

apresentar a teorização da segurança e do contato nas calçadas, e sua contribuição para o envelhecimento ativo.

## **2 SEGURANÇA NAS CALÇADAS**

As calçadas são elementos importantes para a vida nas cidades, são fundamentais para a mobilidade urbana e desempenham um papel crucial na qualidade de vida das pessoas. As calçadas, como parte integrante do espaço público, oferecem diversos benefícios e desempenham funções essenciais na vida urbana, sendo que seus usos não se limitam essencialmente ao deslocamento de pessoas, pois:

As ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas – a parte das ruas que cabe aos pedestres – servem a muitos fins além de abrigar pedestres. Esses usos estão relacionados à circulação, mas não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto a circulação para o funcionamento adequado das cidades (Jacobs 2011, p.30).

Portanto, o funcionamento das cidades tem como base o funcionamento das calçadas, pois, estas são parte integrante do meio construído, entretanto, esse funcionamento está diretamente relacionado a segurança que permeia o traçado das ruas. A segurança é um elemento essencial para as cidades, especialmente no que diz respeito ao trânsito de pedestres. A relação entre o funcionamento das calçadas e a segurança nas ruas é fundamental para criar ambientes urbanos atrativos, que tragam interesse nas pessoas em se deslocar por elas.

Um dos quesitos para a segurança nas calçadas é a densidade populacional, associada ao movimento nelas presente (Jacobs, 2011), entretanto, existem processos que levam a outro direcionamento, como o “aumento desmesurado do tamanho urbano afeta, na cidade, o sistema de movimento, tornando-o mais anárquico, e, graças à extrema funcionalização de setores urbanos hegemônicos, agrava os problemas de coordenação” (Santos, 1994, p.77). Assim, ao considerar a relação entre densidade populacional e movimento nas calçadas, é importante reconhecer que o aumento desmedido do tamanho urbano pode representar um desafio significativo para a segurança nessas áreas.

Nesse aspecto Jacobs volta sua análise ao planejamento urbano, pois é necessário a diversificação dos espaços e serviços prestados nas cidades, garantindo assim um fluxo constante. A segurança seria garantida pelo que Jacobs (2011) intitula de “olhos nas ruas”, ou

seja, a presença de pessoas, a fiscalização ininterrupta de pedestres seria a garantia de segurança que impediria a ocorrência de assaltos ou agressões. Atributos como iluminação e seguranças podem favorecer o uso das calçadas, entretanto, a tranquilidade para transitá-las somente será plena com o curso constante de pessoas, visto que,

Durante o dia ou a noite, todos os dias da semana, as calçadas são espaços públicos sempre abertos para as pessoas. Entretanto, a intensidade de utilização varia conforme o tipo de uso do solo existente e o período do dia ou da semana. Esses espaços podem se tornar inseguros por falta de vigília – não necessariamente de profissionais de segurança pública, mas das próprias pessoas que vivem, trabalham e circulam pelas regiões da cidade. Adotar estratégias para influenciar positivamente o deslocamento dos pedestres tem o potencial de tornar as calçadas mais vivas e seguras para todos (Santos et. al., 2017, p. 91).

Portanto o conceito de “olhos nas ruas” remete a segurança permanente que atrai pessoas e incentiva o círculo de pedestres, os quais, também se ocupam com a vigilância do ambiente urbano. Essa abordagem, popularizada pela urbanista Jane Jacobs, destaca a importância da presença constante de pessoas nas ruas para criar uma atmosfera de segurança natural. A ideia é que, ao aumentar a presença humana nas áreas urbanas, os residentes e transeuntes se tornam uma espécie de "vigilância informal", dissuadindo atividades criminosas e promovendo uma sensação de comunidade. Esse fenômeno contribui para a vitalidade e coesão social, fortalecendo a interação entre os habitantes da região e, por consequência, tornando o ambiente mais seguro e agradável.

Calçadas mais seguras atraem a parcela da população que por alguns motivos são consideradas mais vulneráveis, como exemplo as crianças, mas, também, as pessoas idosas, as quais no geral possuem limitações físico-motoras, e são mais suscetíveis ao risco de assaltos e agressões. Jacobs (2011) relaciona o uso diversificado dos espaços urbanos com a presença constante de pessoas, adultos que ao mesmo tempo que desenvolvem suas atividades cotidianas, também funcionam como olhos fiscalizadores das crianças nas calçadas, o que contribui para a segurança. Esse ato de cuidar ao observar dos adultos também pode ser ampliado a população idosa, a qual também pode se beneficiar da segurança promovida pelos “olhos nas ruas”.

A diversidade de serviços e comércios também é positiva no sentido de proporcionar o suprimento das necessidades dos idosos mais próximos de suas residências, otimizando a caminhada para os que possuem restrições de deslocamento, também garante densidade de

peças contribuindo para a vitalidade urbana e atratividade, impactando o envelhecimento ativo (Marins, 2022). A caminhada nas calçadas na terceira idade pode funcionar como uma atividade física que contribui para o envelhecimento ativo, o qual é conceituado como o “processo de otimização de oportunidades para saúde, participação e segurança, para melhorar a qualidade de vida das pessoas à medida que envelhecem” (OMS, 2008, p. 10).

O envelhecimento ativo deve ser uma preocupação da sociedade, principalmente da gestão pública e dos planejadores urbanos, pois, as projeções populacionais mostram que o quantitativo de idosos irá aumentar no mundo, condição relacionada a diminuição da mortalidade e aumento na esperança de vida, levando ao envelhecimento populacional. Segundo o relatório “Envelhecimento no século XXI: Celebração e Desafio”, no ano de 2012 existiam 810 milhões de idosos no mundo, espera-se que até 2050 esse número atinja 2 bilhões de pessoas (UNFPA, 2012). Portanto, as cidades precisam estar preparadas para essa conjuntura, pois, em concomitância ao envelhecimento populacional ocorre a aglomeração cada vez maior de pessoas em espaços urbanos.

O meio construído precisa da atuação dos seres humanos para o criar e transformar, portanto, sua progressão precisa estar direcionada a atender as necessidades da população, entretanto, no atual contexto urbano, ligado ao meio técnico-científico-informacional o meio construído “eleva-se o patamar da racionalidade do agir social dominante, mas trata-se de uma racionalidade sem outra razão que a do lucro, ainda que não se manifeste exclusivamente de forma mercantil” (Santos, 1994, p. 78). Embora a tecnologia empregada no meio construído tenha produzido inovações para o espaço e para o ser humano, as quais contribuíram para a funcionalidade das cidades, grande parte é orientada principalmente a lógica do lucro, secundarizando o bem estar humano e social. Assim, os problemas e obstáculos do meio construído nas cidades decorrem da pouca atenção e investimento públicos para atender as necessidades de uma população que envelhece, associados a um planejamento urbano que em muitas vezes fica preso as influências e interesses de grupos hegemônicos. Esse modelo contrapõem-se ao envelhecimento ativo, pois,

Projetar espaços considerando o envelhecimento humano envolve conhecer como esse processo modifica as relações do indivíduo com o seu ambiente. Compreender esse ciclo é, portanto, de fundamental importância para a tarefa de identificar as necessidades dos idosos em relação ao ambiente construído. O processo de envelhecimento é um fenômeno bastante complexo e ocorre de forma multidimensional e, portanto, qualquer intervenção que vise ao aumento da qualidade de vida dos idosos exige uma visão interdisciplinar (Bestetti; Graeff; Domingues, 2012, p. 133).

Assim, pensar o espaço urbano, no caso em questão, a importância das calçadas como elemento que favorece o envelhecimento ativo, a relação de segurança por meio do planejamento do espaço construído na cidade, torna-se fundamental em uma sociedade cuja conjuntura demográfica tende ao envelhecimento, colocando as necessidades da população idosa como base para o desenvolvimento de tal espaço.

### **3 CONTATO NAS CALÇADAS**

A existência de segurança nas calçadas, promovido pelo movimento constante de pedestres, associado a mistura de usos e serviços que atrai em horários alternados diferentes pessoas, efetiva o contato entre estas. Para tanto, segundo Jacobs (2011), a confiança seria um sentimento importante no processo, impulso sem o qual, as trocas sociais entre as pessoas presentes nas calçadas não existiriam.

O contato, portanto; a conversa, troca de experiências ou favores, são relações que a autora denomina de “pequenos contatos públicos”, mas que são importantes para estabelecer um ambiente de confiança nas calçadas, sendo necessário para isso, a presença de estabelecimentos variados que criam espaços para a comunicação. O contato é um conceito central nas ideias da autora sobre a vitalidade nas cidades, pois as interações diárias e informais contribuem para a socialização urbana, a qual enfatiza a realidade das grandes cidades, onde há um grande volume de desconhecidos, que precisam cultivar a confiança para fomentar um senso de coexistência em comunidade, pois o contato nos estabelecimentos ou calçadas em suma ocorre entre desconhecidos, sendo que

Grande parte desses contatos é absolutamente trivial, mas a soma de tudo não é nem um pouco trivial. A soma desses contatos públicos casuais no âmbito local – a maioria dos quais é fortuita, a maioria dos quais diz respeito a solicitações, a totalidade dos quais é dosada pela pessoa envolvida e não imposta a ela por ninguém – resulta na compreensão da identidade pública das pessoas, uma rede de respeito e confiança mútuos e um apoio eventual na dificuldade pessoal ou da vizinhança. A inexistência dessa confiança é um desastre para a rua. Seu cultivo não pode ser institucionalizado. E, acima de tudo, ela implica não comprometimento pessoal (Jacobs, 2011, p. 48).

Portanto, a dinâmica social das cidades requer o cultivo da confiança, sendo este um compromisso pessoal de cada um, nesse sentido, o contato nas calçadas não poder ser algo imposto por uma força maior, mas deve ser incluído consensualmente no cotidiano dos

cidadinos, para que uma rede de apoio seja formada, mesmo que por desconhecidos, posto que, a inexistência disso conforma a impessoalidade, a isenção de uma responsabilidade social, gerando cidades apáticas e não inclusivas. O isolamento e o distanciamento são características que marcam as metrópoles, principalmente na atual conjuntura informacional, onde as relações físicas passam a ter menor frequência. “O umbral da porta passa a ser o novo limite; não há pessoas e nem crianças nos pequenos jardins, e há a sensação de insegurança. Antes as pessoas se encontravam nas compras, nas calçadas, agora se afundam no mundo da vida privada” (Carlos, 2007, p. 83).

A insegurança gera o afastamento, nesse sentido, a segurança nas calçadas é um ponto essencial para promover o contato, entretanto, Jacobs (2011) traz a concepção de responsabilidade pública, ou seja, a vida nas cidades requer assumir responsabilidades para com o outro, isso não significa manter relações de proximidade ou vínculos afetivos, mas sim, enquanto cidadão ativo contribuir com a manutenção de um ambiente seguro e acolhedor, mantendo ao mesmo tempo a privacidade da vida urbana e preservando a vida pública informal da calçada. Portanto, além da construção da confiança, é preciso que os frequentadores das calçadas, portanto os habitantes da cidade, criem uma responsabilidade social, pois, mesmo sendo indivíduos que presam pela privacidade da vida urbana, também estão inseridos em uma comunidade que requer interesses de coletividade.

Essas condições são importantes para a qualidade de vida nas cidades, quando associamos o contato ao processo de envelhecimento populacional, as relações mantidas na vida pública informal das calçadas podem ser importante no sentido de integrar as pessoas idosas no contexto social. A exclusão social é um fator que acompanha o envelhecimento, mas, o isolamento dos idosos pode ser combatido com o estímulo ao envelhecimento ativo, ou seja, integrar os idosos nas diversas esferas da sociedade, para que estes sejam produtivos e participativos (Alves, 2013). Nesse sentido, dados sobre o documento da OMS intitulado “Cidade Amiga do Idoso” apresentam que um consenso em várias cidades ao redor do mundo é que a participação social se torna mais acessível quando as possibilidades são variadas e estão próximas das residências dos idosos (OMS, 2008).

Dentre os elementos do meio construído, as calçadas podem ser uma forma de inclusão e participação social facilitada nas cidades. Como parte do espaço público, a calçada é um item importante para a realização da vida urbana, pois, seu uso é feito inevitavelmente em algum momento, as obrigações e necessidades da vida nos levam até as calçadas, as quais se

configuram como o espaço de deslocamento e contato relativos à vida cotidiana do espaço urbano (Xavier, 2012). Portanto, as calçadas podem ser espaços estratégicos para a socialização dos idosos, principalmente quando há a mistura dos usos em seus arredores, o que facilita o acesso a diversas atividades e serviços por parte deste grupo etário. Jacobs (2011, p. 66) deixa em evidência a funcionalidade dos passeios ao expor que a “extraordinária comodidade das calçadas é um trunfo importante também para as crianças. As crianças estão à mercê da comodidade mais do que ninguém, exceto os idosos”.

À vista disso, a autora destaca a importância das calçadas não apenas para adultos, mas também para os grupos mais vulneráveis da população, em particular as crianças, ampliando essa proposição também aos idosos. As crianças e os idosos podem não ter a mesma autonomia de locomoção que os adultos, onde, as calçadas oferecem um local de deslocamento e permanência amparado pela segurança, explorar o ambiente local e interagir socialmente. Essas circunstâncias destacam a importância de planejar espaços urbanos que atendam às necessidades de diferentes grupos demográficos, promovendo áreas inclusivas de contato e trocas intergeracionais.

Romão (2013), relaciona a qualidade de vida na terceira idade as dimensões físicas, psicológicas e sociais, onde os aspectos psicossociais englobam o estado emocional referente ao período da vida e bem estar social, associados aos valores da sociedade relativos à faixa etária. Para tanto, o envelhecimento ativo requer saúde e participação física, contudo, bem estar emocional e mental são igualmente relevantes no processo. Sendo assim, o contato promovido pelas calçadas, culminando nas relações sociais são assuntos relevantes e que devem estar em pauta referente ao espaço construído característico das cidades.

### **3 CONCLUSÃO**

O envelhecimento populacional é uma realidade em evolução nas cidades, pois, os dados demonstram que futuramente haverá um aumento significativo do número de idosos, principalmente nas cidades, sendo este, um grupo com vulnerabilidades e necessidades específicas relativas à idade. Assim, questões como o deslocamento e a inclusão social entram em pauta, pois, o envelhecimento traz mudanças significativas na vida das pessoas, onde o conceito de envelhecimento ativo é empregado para direcionar esse processo com qualidade de vida.



A caminhada pode ser uma ação interessante para a terceira idade, enquanto atividade física e oportunidade para socialização com os outros pedestres ou pessoas que estão realizando atividades cotidianas e laborais. Nesse sentido, Jane Jacobs traz inúmeras contribuições referentes aos usos das calçadas, com enfoque a segurança e ao contato, pois, essas características são fundamentais para conformar ruas mais atrativas e interativas. Através da diversificação dos usos do solo urbano, a movimentação de pessoas em todos os períodos do dia contribui para a fiscalização ativa, os denominados “olhos nas ruas”, sendo essa vigilância informal importante para salvaguardar os grupos mais vulneráveis, dentre esses, os idosos.

Apesar de Jacobs voltar suas análises principalmente aos benefícios da dinâmica das calçadas para as crianças, suas ideias são amplamente aplicáveis ao grupo etário dos idosos, como exemplo, o contato nas calçadas, o qual a autora afirma ser um campo formativo para as crianças, funciona ao mesmo tempo como uma possibilidade de inclusão social e diálogo intergeracional para a terceira idade, rompendo com o padrão de isolamento e ociosidade que acompanham o processo de envelhecimento. Assim, a obra “Morte e Vida das Grandes Cidades”, torna-se uma leitura obrigatória para os pensadores urbanos, pois, a observação do contexto urbano, sua descrição e interpretação estão presentes no livro e são ações essenciais para direcionar a estrutura das cidades às necessidades de sua população.

## REFERÊNCIAS

ALVES, S. C. L. **A GEOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO: oferta e procura de estruturas residenciais para idosos. o caso do concelho de Beja.** 2013. 198 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

BESTETTI, M. L. T.; GRAEFF, B.; DOMINGUES, M.A. O impacto da urbanidade no envelhecimento humano: o que podemos aprender com a estratégia da Cidade Amiga do Idoso?. **Revista Temática Kairós Gerontologia.** São Paulo, v. 15, n. 6, 2012.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Ffich, 2007.

Fundo de População das Nações Unidas. Resumo Executivo. **Envelhecimento no Século XXI: celebração e Desafio.** UNFPA: Nova York, 2012.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MARINS, K. R. C. **Cartilha orientativa de desenho urbano para melhoria da caminhabilidade da população idosa.** São Paulo: EPUSP, 2022.

SANTOS, M.. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, P. M.; CACCIA, L. S.; SAMIOS, A. A. B.; FERREIRA, L. Z. **8 princípios da calçada:** construindo cidades mais ativas. WRICIDADES.ORG. 2017.

Organização Mundial da Saúde. **Guia Global:** cidade amiga do idoso. OMS: Genebra, 2008.

ROMÃO, R. M. S. **A importância do Lazer na promoção do Envelhecimento Bem-Sucedido.** 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gerontologia Social, Universidade do Algarve, Faro, 2013.

Xavier, D.. O caminho do pedestre: uma análise dos passeios públicos na cidade de São Paulo. **Belas Artes**, [s. l.], v.5, mar. 2012.